

FNAC factura em Moçambique tanto como em Portugal

OJ. 31/3/88
p.16-E no. 684

João Garcia □ Maputo

Um milhão de contos investidos em Moçambique e cerca de mil trabalhadores divididos por diversas empresas são indicadores da actividade do grupo FNAC naquele país africano.

A exploração das lojas que comercializam produtos em divisas é a mais recente actividade.

A trabalhar em Moçambique que desde 1981, as empresas da FNAC naquele país são responsáveis por 40 por cento da facturação total do grupo económico. Os investimentos representam um terço dos realizados em Portugal, mas o número de trabalhadores num e noutro país é equivalente, disse a «O Jornal» Alexandre Alves, presidente do grupo.

Terça-feira passada foi inaugurada, no Maputo, uma loja franca. Trata-se de um supermercado onde é possível adquirir produtos importados, ou nacionais, destinados à exportação.

As lojas francas de Moçambique foram atribuídas à exploração da FNAC que se associou com a ETEI, em regime de concessão iniciado em Janeiro e o grupo explora, agora, após ter vencido o concurso internacional, as lojas francas de todo o país (além de Maputo, Beira, Quelimane e Ressano Garcia). O «Free-Shop» do aeroporto da

capital está integrado na concessão e prevê-se a abertura, na baixa da cidade, de um centro comercial que também só fará transacções em divisas.

Em Moçambique, as lojas francas são acessíveis aos cidadãos nacionais que disponham de divisas — dólares ou rands —, situação em que se encontram os familiares de emigrantes e alguns nacionais que trabalham em empresas estrangeiras.

Aliás, e à semelhança de uma empresa sul-africana que também opera no Maputo, a FNAC prepara-se para criar um serviço que permite, aos mineiros moçambicanos que se encontram na África do Sul, pagarem ali mercadorias que são, depois, levantadas pelos familiares que ficaram no país de origem.

Entretanto, a FNAC prepara-se para conquistar o direito a explorar o Hotel Embaixador, da Beira. A proposta feita pelo grupo foi aceite, em linhas gerais, pelo ministro do Comércio

Local, segundo nos disse Alexandre Alves.

A intenção é a de trabalhar em regime de concessão, após um investimento calculado em seis milhões de dólares e que permitirá uma remodelação total.

Em curso está, igualmente, a candidatura à edição das páginas amarelas de Moçambique, o que deverá acontecer em colaboração com a Cinevoz.

Ainda na área comercial, a FNAC através da sociedade comercial Manica e Sofala, negocia artigos a retalho e por grosso em três cidades, Maputo, Beira e Quelimane, o que lhe permite uma facturação mensal que ronda os 200 milhões de meticais (cerca de 64 milhares de contos) em cada uma das duas últimas cidades.

Segundo Alexandre Alves, a FNAC, que também procura posição de relevo em Angola e já tem uma fábrica no Zaire, «está efectivamente interessada na aproximação de Portugal aos mercados africanos», propondo-se o grupo crescer «até à dimensão que se considerar controlável e capaz de permitir o equilíbrio da gestão».

Na área da indústria hoteleira a FNAC conseguiu já a concessão da exploração do Hotel Embaixador, na Beira. O grupo económico português assegurou já o contrato com o governo de Maputo que lhe per-

mitirá gerir aquela unidade hoteleira durante os dez próximos anos. Serão realizadas obras de remodelação no imóvel no valor de seis milhões de dólares.

Ainda na área da hotelaria, o primeiro-ministro moçambicano, Mário da Graça Machungo propôs que o grupo português construisse um clube dito para diplomatas, instalações recreativas onde seja possível passar um fim-de-semana. O convite foi feito em encontro que decorreu na véspera da inauguração da loja franca de Maputo e, ao que se sabe, será aberto a todos os possuidores de divisas, e não só ao pessoal das embaixadas.

Neste empreendimento, a componente de construção civil deverá ser assegurada por empresas moçambicanas.

Para a inauguração da loja franca de Maputo (até à passada terça-feira foram utilizadas instalações provisórias, por estarem a decorrer obras de adaptação nos cerca de cinco mil metros quadrados de área do novo estabelecimento).

Foram feitos certa de três centenas de convites, entre os quais aos ministros do Comércio, Finanças e da Cooperação. Na véspera da inauguração, o primeiro-ministro visitou as instalações. No sector de lojas francas foram já investidos mais de seis milhões de dólares (700 mil contos).